



TARTUFO TARTUFFE



PARCERIA / COLABORACIÓN / PARTENARIAT AXENCIA GALEGA DAS INDUSTRIAS CULTURAIS / CENTRO DRAMÁTICO GALEGO, CONSELLERÍA DE CULTURA, EDUCACIÓN, FORMACIÓN PROFESIONAL E UNIVERSIDADES / ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA, ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE DES ARTS ET TECHNIQUES DU THÉÂTRE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA / ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO / ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO, LES CÉLESTINS - THÉÂTRE DE LYON, TEATRO NACIONAL D. MARIA II, TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

Tartufo / Tartuffe

PROJETO NÓS / NOUS

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Sala Estúdio
22 – 26 junho/xuño/Juin

SALÓN TEATRO

7 – 9 julho/xullo/Juillet

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

Teatro Carlos Alberto
30 junho/xuño/Juin – 2 julho/xullo/Juillet

LES CÉLESTINS – THÉÂTRE DE LYON

15 – 16 julho/xullo/Juillet

texto/texte Molière
direção/dirección/
mise en scène

Tónan Quito
com/con/avec

Bernardo Santo

Tirso, Carlos Correia,

Carolina Parreira,

Haïthouni Hamada,

João Maria Fialho,

Marcos Fernández,

Romane Buunk,

Yaiza Portela

tradução português/

tradución portugués/

traduction portugaise

Manuel João Gomes

tradução galego/

tradución galego/

traduction galicienne

Loli Ramos Duarte

cenografia/

escenografía/

scénographie

Carlota González,

María Torres Piñeiro

figurinos/vestiario/

costumes

Hercule Bourgeat

desenho de

luz/deseño de

iluminación/

création lumière

Lucien Laborderie

sonoplastia e apoio

ao desenho de luz/

efectos de son e

apoiu ó deseño de

iluminación/soutien

à la création lumière

et conception sonore

Afonso Lemos

assistência de

encenação/

asistencia de

dirección/assistanat

à la mise en scène

Diego Chamizo Mora

apoio voz e texto/

assistanat voix et

texte João Henriques

produção executiva/

producción executiva/

production exécutive

Miguel Mendes

direção de cena/

rexedor/direction

scénique

João Gonçalo Limas

parceria/

colaboración/

partenariat

Axencia Galega

Das Industrias

Culturais/ Centro
Dramático Galego,
Consellería de
Cultura, Educación,
Formación
Profesional de
Universidade / Escola
Superior de Arte
Dramática de Galicia,
École Nationale
Supérieure Des Arts
et Techniques du
Théâtre, Instituto
Politécnico de Lisboa
/ Escola Superior
de Teatro e Cinema,
Instituto Politécnico
do Porto / Escola
Superior de Música e
Artes do Espetáculo,
Les Célestins –
Théâtre De Lyon,
Teatro Nacional
D. Maria II, Teatro
Nacional São João

apoio/soutien

Institut français à
Paris (no âmbito do
programa Relance
Export), Institut
français du Portugal,
Embaixada de França

duração/duración/
durée 1h40

Projeto financiado
pelo programa
europeu Erasmus+
K2 / Proxecto
financiado polo
programa europeo
Erasmus+ K2 /
Projet financé par le
programme européen
Erasmus + K2

legendagem/subtitulado/surtitrage

PT Tratando-se de um projeto internacional, esta encenação de *Tartufo* é falada em três línguas: português, galego e francês. No espetáculo usa-se o texto original de Molière, em francês e em verso rimado; a tradução de Manuel João Gomes, para português, em verso não rimado; e a tradução de Loli Ramos Duarte, para galego e em prosa.

Portugal: falas em galego e francês legendadas em português, a partir da tradução portuguesa

Galiza: falas em francês legendadas em galego, a partir da tradução galega

França: falas em português e galego legendadas em francês, a partir do texto original

GL Tratándose dun proxecto internacional, esta posta en escena de *Tartufo* é falada en tres línguas: portugués, galego e francés. No espectáculo emprégase o texto orixinal de Molière, en francés e en verso rimado; a tradución de Manuel João Gomes a portugués, en verso non rimado; e a tradución de Loli Ramos Duarte, a galego e en prosa.

Portugal: falas en galego e francés subtituladas en portugués, a partir da tradución portuguesa

Galicia: falas en francés subtituladas en galego, a partir da tradución galega

Francia: falas en portugués e galego subtituladas en francés, a partir do texto orixinal

FR Comme il s'agit d'un projet international, cette mise en scène de *Tartuffe* sera jouée en trois langues: le portugais, le galicien et le français. Nous travaillons avec le texte original de Molière (en français et en vers rimés), avec la traduction de Manuel João Gomes, en portugais et en vers non rimés ; et avec la traduction de Loli Ramos Duarte, en galicien et en prose.

Au Portugal: jeu en galicien et français surtitré en portugais, à partir de la traduction portugaise

En Galice: jeu en français surtitré en galicien, d'après la traduction galicienne

En France: jeu en portugais et galicien surtitré en français, à partir du texte original





Tartufo é como um fogo

PT Eu tinha toda a liberdade para escolher o que queria fazer. O que é que poderia ser? Fui para os clássicos à procura de uma peça em que a distribuição fosse igual para todos. São 16 alunos, oito atores e outros oito para cada função artística, da direção de cena à cenografia. E três línguas - português, galego e francês. Eu já gostava de Molière, mas nunca tinha percebido qual era a peça que me apeteceria fazer. Reli algumas das peças de que gosto muito e li também *Tartufo*, que não conhecia. Descobri que era uma boa peça para este projeto, percebi que toda a gente tem o mesmo tipo de protagonismo, apesar de numa leitura a traço grosso ficarmos muito centrados na figura do Tartufo. Mas o protagonista não é Tartufo, o protagonista é a casa onde Tartufo está.

Há uma família burguesa da alta sociedade. O pai, Orgon, é casado pela segunda vez e dá aos filhos uma total liberdade. Depois deixa-se influenciar por uma pessoa que encontrou na igreja e que decidiu levar para casa e mimar, como um cão de estimação, afirmando o seu poder sobre o pobrezinho que encontrou. E a família recebe esta pessoa manipuladora e cínica, um falso devoto - e Molière usa a roupagem da Igreja, mas aquilo que realmente o interessa é o cinismo dos hipócritas que tentam sempre aproveitar-se dos outros - mas também é uma família descosida. E são todos uns manipuladores, todos eles fazem o que for preciso para alcançar o seu objetivo. Qualquer um, à sua maneira, usa as mesmas ferramentas que o Tartufo, ele está só mais habituado a fazer aquilo, é um profissional. Portanto, uma das minhas preocupações foi inverter um bocadinho as coisas e perceber o que é que o Tartufo provoca na família. Ao entrar, este homem destrói toda a liberdade que existia na casa, destrói todo o ambiente familiar que existia em prol de uma maneira de pensar. Existe este fator político do velho contra o novo, do conservador face à liberdade, e isto acontece logo na primeira cena, em que Madame Pernelle, mãe de Orgon, diz - "Eu vou-me embora desta casa porque nesta casa só há desordem!"

A única alteração que fiz na peça foi transformar a personagem de Valério em Valéria. Já não é novidade para mim fazê-lo, os textos clássicos são escritos por homens para homens, mas apesar de encontrarmos personagens femininas incríveis, são sempre menos. E eu queria personagens para quatro mulheres e só tinha para três, portanto achei que estava aberta uma boa oportunidade para uma Valéria e para fazer um casamento de duas mulheres. E assim mais sentido faz o pai opor-se àquele casamento e querer casá-la com Tartufo. Dá a ver todo o conservadorismo existente que, para mim, é o grande tema da peça. Ou seja, o Tartufo só existe, o problema só existe, porque aquele casamento está em perigo. É porque o casamento está em perigo que acontece a peça.

Mas naquela casa ninguém é boa rês. Todos são mesquinhos. Só Dorina e Cleanto se aproveitam. Já estamos habituados a que, nas comédias, seja a criada quem diz as verdades mas aqui ela emerge e, de certa forma, empodera-se em relação à casa. Há ali um basta! naquela condição de submissão, Molière manifesta-se não só em relação à Igreja (e por isso é censurado), mas também em relação à própria estratificação da sociedade e ao papel da mulher. Era o século XVII e talvez ele já estivesse a pensar sobre estas coisas! E Cleanto é a única pessoa esclarecida ali, a pessoa da razão, um espírito do futuro.

Esta peça é como um fogo. Começa logo a arder na primeira cena e vai ardendo até ao fim. É muito inquietante. E o ritmo que esta história tem foi das coisas que mais vontade me deram de a fazer, além de me agradar muito que seja uma peça muito barulhenta e com uma grande confusão. Procurei tudo o que potencie a oposição, como as chamadas. Tive sempre esta imagem da casa ser um fogo e um lugar de passagem, porque as cenas nunca se instalam. Ou seja, é uma peça muito instável, até mesmo ao desenlace final. E é esta instabilidade que eu gostava de ver. Fazer um texto destes hoje é sempre procurar a fricção. A questão não é qual é o sentido que estes textos fazem, mas qual o sentido que a nossa vida faz com um texto destes. Ou seja, um texto é só mesmo um texto. Fazer o *Tartufo* do Molière é só um pretexto para nós pensarmos o hoje, as metodologias de trabalho, o que pensamos do teatro, o que é que vemos, o que é que não vemos. E eu não conhecia este grupo e queria ouvi-los para perceber onde divergimos e onde é que essa divergência poderia ser criativa. A primeira coisa que decidi foi que a peça não seria em inglês. A língua que nos une a todos, não! Então cada um vai falar na sua língua, a peça é feita em português, galego e francês. Temos o francês original, temos a tradução do Manuel João Gomes [1987] que respeita o verso, apesar de não rimar, e depois temos a versão galega [2019] que, não sendo uma reescrita porque está lá tudo, usa uma linguagem mais contemporânea, mais coloquial. E tem sido muito interessante pensar nesta questão da língua e dos mal-entendidos em palco. Obviamente que a própria peça também permite isso, é Molière e é comédia e cria equívocos.

Este projeto é muito mais sobre eles do que propriamente sobre o que eu vou fazer do Molière. Fazer uma peça com 16 finalistas de quatro escolas dramáticas diferentes, para ser apresentada em cada um dos lugares de origem, passa por responsabilizá-los e por perceber o que é que eles querem fazer com Molière, o que é que eles têm a dizer como atores e como criadores. Um ator é mais um criador e não propriamente um veículo daquilo que o encenador pensa ou do que o autor pensava. Portanto, há esse passar de responsabilidade. E uma maior exposição. É o finalizar de uma etapa, o importante é mostrar também as complexidades da nossa própria estruturação, como indivíduos, uns com os outros. E eu acho que esta peça mostra isso muito bem.

Tónan Quito
junho 2022
(em conversa com Maria João Guardão)

Tartufo é coma un lume

GL Eu contaba con toda a liberdade para escoller o que quería facer. Que podía ser? Dirixinme aos clásicos na procura dunha peza na que o reparto fose igual para todos. Son 16 alumnos. Deses, oito son actores e outros oito encárganse das outras funcións artísticas, desde a dirección á escenografía. E tres linguas: portugués, galego e francés. A min xa me gustaba Molière, pero nunca souben que peza en concreto me apetecía levar a cabo. Volvín ler algunhas obras polas que sinto admiración e tamén *Tartufo*, que non coñecía. Descubrín que era unha boa obra para este proxecto. Entendín que todas as personaxes teñen o mesmo tipo de protagonismo. Aínda que unha lectura sumaria nos faga centrarnos máis na figura de Tartufo, o protagonista non é el. A protagonista é a casa onde Tartufo se atopa.

Trata dunha familia da alta sociedade. O pai, Orgon, está casado por segunda vez e lles concede aos fillos unha liberdade total. Déixase influenciar por alguén que atopa na igrexa e decide levalo para a casa para aloumiñar coma un can faldreiro, reafirmando o seu poder sobre o coitado. A familia recibe a esta persoa manipuladora e cínica, un falso devoto —Molière usa o pretexto da Igrexa, pero o que realmente lle interesa é o cinismo dos hipócritas que intentan sempre aproveitarse dos outros— pero a familia xa se atopa corrompida. Son todos uns manipuladores, fan calquera cousa para acadar o seu obxectivo. Cada un, á súa maneira, usa as mesmas ferramentas que Tartufo, só que este está máis habituado, trátase dun profesional. Polo tanto, unha das miñas preocupacións foi comprender que é o que Tartufo provoca na familia. Cando chega, o home destrúe toda a liberdade que existía na casa e o ambiente familiar. Existe o factor político do vello contra o novo, do conservadorismo contra a liberdade, e isto acontece xa na primeira escena na que Madame Pernelle, nai de Orgon, afirma: “Eu marcho desta casa porque nesta casa só existe o desorde!”.

A única alteración que fixen pasou por transformar a personaxe do Valerio en Valeria. Non é algo novo para min. Os textos clásicos son escritos por homes e para homes. A pesar de atoparmos personaxes femininas increíbles, elas son sempre menos. Eu quería personaxes para catro mulleres e só tiña para tres. Por iso, pensei que había unha boa oportunidade para unha Valeria e un casamento entre dúas mulleres. Deste xeito, cobra un maior sentido que o pai se opoña ao enlace, buscando o seu matrimonio con Tartufo. Vese así o conservadorismo existente que, para min, é o gran tema da obra. É dicir, Tartufo só existe, o problema só existe, porque o casamento está en perigo. E é porque o casamento está en perigo que acontece a obra.

Nesa casa ninguén é trigo limpo. Abunda a mesquindade e só Dora e Cleanto se salvan. Xa estamos habituados a que, nas comedias, sexa a criada quen di as verdades. Pero aquí ela, en certa forma, emerxe e faise co poder da casa. Hai aquí un “basta xa” da condición submisa. Molière maniféstase non só en relación á Igrexa (e por iso é censurado), senón tamén en relación ó clasismo da sociedade e ó papel da muller. Era o século XVII e el xa estaba a pensar nisto! E Cleanto é a única persoa lúcida e razoable, un espírito do futuro.

Esta obra é coma un lume. As lapas prenden axiña na primeira escena e van ardendo ata o fin. É moi inquietante. O ritmo da historia foi unha das cousas que máis vontade tiven de recrear, agrádame que sexa unha obra chea de barullo e confusión. Procurei todo aquilo que potencie a idea de oposición, como as lumaradas. Acompañoume sempre a imaxe de que a casa era un lume e un lugar de paso. É unha obra inestable ata o seu desenlace final. E é esta a inestabilidade á que eu quería asistir. Facer un texto deste tipo hoxe implica procurar o conflito.

A cuestión non é pensar que sentido teñen este textos, senón cal é o sentido que lles outorgan ás nosas vidas. É dicir, un texto é tan só un texto. Facer o *Tartufo* de Molière é tan só unha escusa para pensarmos no hoxe, nos métodos de traballo, nas nosas crenzas sobre o teatro, sobre o que vemos e o que non vemos.

Eu non coñecía este grupo. Quería escoitalos para comprender onde diverxemos, e en que punto esa discordancia podía resultar creativa. O primeiro que decidín foi que a obra non sería en inglés. Un idioma que nos une a todos? Non! Cada un vai falar a súa lingua. A peza está realizada en portugués, galego e francés. Temos o francés orixinal, contamos coa tradución de Manuel João Gomes [1987] que respecta o verso, a pesar de non rimar, e finalmente a versión galega [2019] que, sen ser unha reescritura porque aí está todo, emprega unha linguaxe máis contemporánea e coloquial. Resultou moi interesante pensar nesa cuestión da lingua e dos malentendidos no escenario. Por suposto que a propia obra tamén permite isto. É Molière e é comedia, e crea equívocos.

Este proxecto é moito máis sobre o que eles van facer do Molière que sobre o que vou facer eu. Realizar unha obra con 16 finalistas de catro escolas de arte dramático diferentes para ser representada en cada un dos lugares de orixe, pasa por facelos responsables e por comprender que queren facer eles con Molière, o que teñen que dicir eles como actores e creadores. Un actor é un creador máis, non propiamente un vehículo co que trasladar o que o director pensa ou o que pensaba o autor. Polo tanto, existe esa entrega de responsabilidade e unha exposición maior. Trátase do fin dunha etapa. O importante é amosar tamén as complexidades da nosa propia estrutura, como individuos, os uns cos outros. Coido que esta obra amosa isto moi ben.

Tónan Quito
xuño 2022

(en conversación con Maria João Guardão)

Tartuffe est comme un feu

FR J'étais libre de choisir ce que je voulais faire. Sur quoi allais-je travailler ? Je me suis tourné vers les classiques et j'ai cherché une pièce avec une distribution homogène pour notre groupe. Ils sont 16 étudiants : huit acteurs et huit autres pour chacune des fonctions artistiques, de la mise en scène à la scénographie. Et il y a trois langues : le portugais, le galicien et le français. J'aimais bien Molière, mais je ne savais pas quelle pièce monter. J'en ai relu certaines que j'adorais et puis j'ai lu *Le Tartuffe*, que je ne connaissais pas. C'était une très bonne pièce pour ce projet. Tout le monde a le même type de rôles même si la figure de Tartuffe paraît centrale, en première lecture. Mais le rôle-titre n'est pas Tartuffe, c'est la maison où il se trouve.

C'est une famille bourgeoise de la haute société. Orgon, le père, est marié en secondes noces et accorde une liberté totale à ses enfants. Puis, il se laisse influencer par quelqu'un rencontré à l'église qu'il décide d'accueillir et de gâter comme un animal de compagnie, appuyant son pouvoir sur ce pauvre miséreux. La famille se retrouve face à un manipulateur cynique, un faux dévot. Molière lui fait porter la robe de l'Église mais ce qui l'intéresse, au fond, c'est le cynisme des hypocrites qui tentent sans cesse de profiter des autres. Face à lui, la famille tombe le masque. Et ce sont tous des manipulateurs, tous ont leurs objectifs propres à atteindre. Chacun à sa manière, ils utilisent les mêmes stratagèmes que Tartuffe. Ce dernier est simplement plus habile, c'est un professionnel. L'une de mes préoccupations était donc d'inverser un peu les choses et de comprendre ce que Tartuffe provoque dans la famille. En arrivant, cet homme détruit toute la liberté qui régnait dans la maison. Il détruit l'environnement familial en imposant un mode de pensée. Ce facteur politique de l'ancien contre le nouveau, du conservatisme contre la liberté, se produit dès la toute première scène. Madame Pernelle, la mère d'Orgon, dit : « Oui, je sors de chez vous, on n'y respecte rien, chacun y parle haut. »

Le seul changement que j'ai apporté à la pièce a été de transformer le personnage de Valère en Valéria. Ce n'est pas une chose nouvelle pour moi : les textes classiques ont été écrits par des hommes pour des hommes. Bien qu'il existe des personnages féminins incroyables, ceux-ci sont toujours moins nombreux. Je voulais des personnages pour quatre comédiennes et il n'y en avait que trois. J'ai donc pensé que c'était l'occasion d'une Valéria pour créer un mariage entre deux femmes. Il est donc plus logique que son père s'oppose à ce mariage et veuille qu'elle épouse Tartuffe. Cela met en exergue le conservatisme qui, selon moi, est le thème principal de la pièce. Ainsi Tartuffe n'existe, le problème n'existe, que parce que ce mariage est en danger. C'est parce que le mariage est en danger que la pièce a lieu.

Seulement, il n'y a pas de bonne personne dans cette maison. Avares, ils le sont tous. Il n'y a que Dorine et Cléante qui en profitent. Dans les comédies, nous sommes habitués à ce que la bonne soit détentrice de la vérité. Mais ici, cette dernière émerge, et d'une certaine façon s'émancipe, par rapport à la maison. En voilà assez ! Dans cette condition de soumission, Molière s'exprime non seulement par rapport à l'Église (ce qui lui vaudra la censure), mais aussi par rapport à la stratification même de la société et au rôle des femmes. Peut-être pensait-il déjà à ces choses au XVII^e siècle ! Et

Cléante est la seule personne éclairée, un être de raison, un esprit du futur.

Cette pièce est comme un feu. Un feu qui commence à brûler dès la toute première scène. C'est très troublant. Son rythme est l'un des aspects qui m'a le plus donné envie de la monter, en plus du fait que je suis ravi que ce soit une pièce bruyante, avec beaucoup d'agitation. J'ai cherché tout ce qui pouvait renforcer l'opposition, comme les flammes. Très vite, cette maison m'est apparue comme un feu et un lieu de passage, car les scènes ne s'installent jamais. Il s'agit d'une pièce très instable jusqu'à son dénouement. Et c'est cette instabilité que j'aimerais voir. Mettre en scène un texte comme celui-ci aujourd'hui, c'est toujours chercher la friction. La question n'est pas de savoir quel est le sens de ces textes, mais de comprendre quel sens a notre vie avec un texte comme celui-ci. Un texte n'est qu'un texte. Jouer *Le Tartuffe* de Molière n'est qu'un prétexte pour réfléchir aujourd'hui aux méthodologies de travail, à ce que nous pensons du théâtre, à ce que nous voyons, à ce que nous ne voyons pas. Je ne connaissais pas ce groupe et je voulais les entendre pour comprendre où se situaient nos divergences, et comment ces divergences pouvaient devenir créatrices. La première chose que j'ai décidée, c'est que la pièce ne serait pas représentée en anglais. La langue qui nous unit tous, non ! Chacun s'exprimera dans sa propre langue, la pièce se déroulant en portugais, en galicien et en français. Nous travaillons avec l'original français, la traduction de Manuel João Gomes [1987] qui tient compte des vers, même s'ils ne riment pas, et une version galicienne [2019] qui, sans être une réécriture, et là est l'intérêt, utilise un langage plus contemporain, plus familier. C'était particulièrement intéressant d'envisager cette question du langage et des malentendus sur scène. Évidemment, la pièce elle-même permet cela, c'est du Molière, c'est une comédie et cela créé des malentendus.

Ce projet concerne bien plus ce groupe que ce que je vais pouvoir faire de Molière. Faire une pièce avec 16 finalistes de quatre écoles d'art dramatique différentes, pour la présenter dans chacun de leurs pays d'origine, cela implique de les responsabiliser et de comprendre ce qu'ils souhaitent faire avec Molière. C'est comprendre ce qu'ils ont à dire en tant qu'acteurs et en tant que créateurs. Un acteur est davantage un créateur qu'un véhicule de la pensée du metteur en scène ou de l'auteur. Il y a donc ce transfert de responsabilité. Ainsi qu'une plus grande exposition. C'est la fin d'une étape. L'important reste de montrer la complexité de notre propre structuration, en tant qu'individus, les uns avec les autres. Je pense que cette pièce le fait très bien.

Tónan Quito

Juin 2022

(en discussion avec Maria João Guardão)

PT NÓS / NOUS é um projeto internacional que pretende aprofundar o intercâmbio da cultura teatral entre França, Galiza e Portugal, pensando-o como um território cénico comum. Desenvolvido por quatro teatros (Célestins – Théâtre de Lyon, Centro Dramático Galego, de Santiago de Compostela, TNDM II e TNSJ) e por quatro escolas superiores de arte dramática (ENSATT, de Lyon, ESAD, de Vigo, ESTC, de Lisboa e ESMAE, do Porto), promove a profissionalização e internacionalização de estudantes em final de percurso académico, através do contacto com criadores de renome internacional. A edição de 2022 contará com a direção do encenador português Tónan Quito.

GL NÓS/NOUS é un proxecto internacional que pretende ampliar o intercambio da cultura teatral entre Francia, Galicia e Portugal, asumíndoo como un territorio escénico común. Levado a cabo por catro teatros e por catro escolas superiores de arte dramática, promove a profesionalización e internacionalización de estudantes na fin do período académico, a través do contacto con creadores de renome internacional. A edición de 2022 conta coa dirección do portugués Tónan Quito.

FR NÓS/NOUS est un projet international qui vise à approfondir l'échange culturel théâtral entre la France, la Galice et le Portugal, en l'envisageant comme un territoire scénique commun. Conçu par quatre théâtres et quatre écoles d'art dramatique, ce projet favorise la professionnalisation internationale des étudiants dès la fin de leurs cursus, aux côtés d'artistes de renommée mondiale. L'édition 2022 est dirigée par le metteur en scène Tónan Quito.